

SONHAR É PRECISO

**AQUINO DE BRAGANÇA: INDEPENDÊNCIA E
REVOLUÇÃO NA ÁFRICA PORTUGUESA
(1980-1986)**

SONHAR É PRECISO

**AQUINO DE BRAGANÇA: INDEPENDÊNCIA E
REVOLUÇÃO NA ÁFRICA PORTUGUESA
(1980-1986)**

Marco Mondaini (organizador)



série

**BRASIL
& ÁFRICA**

COLEÇÃO CLÁSSICOS

1



Editora  UFPE

PROEXT
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Reitor:

Profº Drº Anísio Brasileiro de Freitas Dourado

PróReitor de Extensão:

Profº Drº Edilson Fernandes de Souza

COMISSÃO EDITORIAL

Coordenador Geral:

Profº Drº Marco Mondaini (DSS/UFPE)

Coordenador Adjunto:

Profº Drº José Bento Rosa da Silva (DH/UFPE)

Secretaria Acadêmica:

Arnaldo Sucuma (doutorando/PPGSS) e Niedja Lima (mestranda/PPGSS)

Jornalista Responsável:

Xenya Bucchioni (doutoranda/PPGCOM)

CONSELHO EDITORIAL:

Ana Cristina Vieira (UFPE/Brasil); Ana Piedade Monteiro (Unizambeze/Moçambique); Colin Darch (Cape Town University/África do Sul); David Hedges (Universidade Eduardo Mondlane/Moçambique); Edilson Fernandes de Souza (UFPE/Brasil); Eurídice Monteiro (Universidade de Cabo Verde/Cabo Verde); Francisco Januário (Universidade Eduardo Mondlane/Moçambique); Isabel Casimiro (Universidade Eduardo Mondlane/Moçambique); João Carlos Trindade (CESAB/Moçambique); José Bento Rosa da Silva (UFPE/Brasil); José Luis Mateus Alexandre (Universidade Mandume Ya Ndemofayo/Angola); Judith Head (Cape Town University/África do Sul); Marco Mondaini (UFPE/Brasil); Marcos Costa Lima (UFPE/Brasil); Maria Bernardete Martins de Azevedo Figueiroa (MPPE/Brasil); Mário Cabral (Guineaspora/Guiné Bissau); Robert Slenes (UNICAMP/Brasil); Solange Rocha (Cape Town University/África do Sul); Teresa Amal (Universidade de Coimbra/Portugal); Tereza Cruz e Silva (Universidade Eduardo Mondlane/Moçambique).

Projeto Gráfico:

Daniel L. Apolinário

Catálogo na fonte:
Bibliotecária Joselly de Barros Gonçalves, CRB4-1748

S698 Sonhar é preciso : Aquino de Bragança : independência e revolução na África Portuguesa (1980-1986) / organizador : Marco Mondaini. – Recife : Editora UFPE, 2014. 147 p. – (Série Brasil & África. Coleção Clássicos).

Inclui anexos.
ISBN 978-85-415-0491-1 (broch.)

1. Bragança, Aquino de. 2. Movimentos de libertação nacional – África portuguesa. 3. África portuguesa – Política e governo. 4. Portugal – Colônias – África. I. Mondaini, Marco (Org.). II. Título da Série.

320.9 CDD (23.ed.) UFPE (BC2014-092)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DA SÉRIE	7
AGRADECIMENTOS	9
PREFÁCIO – Colin Darch	11
INTRODUÇÃO – Marco Mondaini	19
1. O MARXISMO DE SAMORA (1980)	27
2. SAVIMBI: ITINERÁRIO DE UMA CONTRA-REVOLUÇÃO (1981)	39
3. REFLEXÕES SOBRE A DIGNIDADE DE UMA VIAGEM – com Antonio Souto (1982)	63
4. AMILCAR CABRAL TEM DIMENSÃO UNIVERSAL (1983)	69
5. O TRABALHO DE RUTH FIRST NO CENTRO DE ESTUDOS AFRICANOS: O CURSO DE DESENVOLVIMENTO – com Bridget O ´ Laughlin (1984)	73
6. INDEPENDÊNCIA SEM DESCOLONIZAÇÃO: A TRANSFERÊNCIA DE PODER EM MOÇAMBIQUE, 1974-1975. NOTAS SOBRE OS SEUS ANTECEDENTES (1985)	91
7. DA IDEALIZAÇÃO DA FRELIMO À COMPREENSÃO DA HISTÓRIA DE MOÇAMBIQUE – com Jacques Depelchin (1986)	113
ANEXOS	
1. SUBDESENVOLVIMENTO E TRABALHO MIGRATÓRIO – Editorial de Estudos Moçambicanos, n.1 – Ruth First (1980)	137
2. LEMBRANDO AQUINO – Artigo da Southern Africa, vol.2, nº3 - Immanuel Wallerstein (1986)	145

APRESENTAÇÃO DA SÉRIE¹

Constituída por 3 Coleções (Pesquisas, Ensaios e Clássicos), a **Série Brasil & África** expressa duas ordens de fatos fundamentais: por um lado, a virada geopolítica ocorrida no Brasil no início do século XXI, que aponta para a mudança na ordem de prioridades no campo das relações internacionais, com a passagem de ênfase do diálogo “Norte-Sul” para o diálogo “Sul-Sul”; por outro lado, a tomada de consciência da necessidade de construção de laços mais estreitos no campo acadêmico-intelectual entre os saberes que são construídos no Brasil e no continente africano – especialmente, mas não de maneira exclusiva, nos países africanos de língua oficial portuguesa (PALOPs).

Fundada em tal princípio, a **Série Brasil & África** nasce assumindo o compromisso ...tico de ediçãode novos olhares que sejam suficientemente capazes de reconhecer as novas experiências sociais e políticas antissistêmicas emergentes no Brasil e em África, direcionadas à construção de uma nova ordem referenciada na afirmação da democracia e dos direitos humanos compreendidos na sua radicalidade, como forças voltadas à socialização do poder.

Dentro desse contexto, a **Série Brasil & África** propõe alinhar-se ao conjunto de iniciativas surgidas na última década no sentido de aproximar universidades e centros de pesquisa engajados no processo de reflexão crítica sobre os traços

¹ Optou-se, na presente coletânea, por manter a forma pela qual os textos foram publicados à época, sem atualizá-los em relação ao novo acordo ortográfico da língua portuguesa, de 2009.

universais que identiљcam os Estados e sociedades do Sul do mundo num mesmo quadrante geopolítico, mas, também, sobre as suas particularidades histórico-sociais, responsáveis pela sua diferenciação.

Resta afirmar, por fim, que a iniciativa editorial representada pela **Série Brasil & África** não teria se concretizado sem o apoio de primeira hora dado pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Pernambuco (PROEXT/UFPE). O apoio este que deve ser saudado com entusiasmo por todos/as aqueles/as docentes e discentes engajados/as no duplo esforço de internacionalização e democratização da nossa universidade.

Marco Mondaini

(Professor da UFPE e Coordenador da **Série Brasil & África**)

AGRADECIMENTOS

O presente livro com escritos de Aquino de Bragança publicado em memória dos 90 anos do seu nascimento – inaugura a *Coleção Clássicos da Série Brasil & África*. Sua realização não teria sido possível sem a inestimável contribuição das seguintes pessoas: Ana Cristina Vieira, coordenadora do projeto de pesquisa da UFPE financiado pela CAPES/AULP, que propiciou a realização do meu Estágio Sênior na Universidade Eduardo Mondlane/Mozambique no contexto no qual nasceu a proposta editorial aqui lançada; Edilson Fernandes de Souza, que acolheu institucionalmente, sem reticências, a frente da PROEXT, a proposta de criação da *Série Brasil & África*; Marcos Costa Lima, que sugeriu a construção da *Coleção Clássicos*; Isabel Casimiro, interlocutora presente em todos os momentos da organização do volume; Colin Darch, criador da página eletrônica *Mozambique History Net* prefaciador da obra; Fabiana Malha, tradutora do anexo 2; Xenya Bucchioni e Daniel Apolinário, que elaboraram o seu projeto gráfico; Maria José Matos Luna, diretora da Editora Universitária da UFPE, que se empenhou para que a coletânea tivesse o devido tratamento editorial; e Silvia Bragança, viúva de Aquino de Bragança, pela autorização da publicação dos escritos – a quem fazemos aqui um agradecimento especial, em nome da continuidade dos sonhos¹.

M.M.

¹ A referência, aqui, ... ao livro lançado em 2009 por Silvia Bragança, com o título: *Aquino de Bragança: Batalhas Ganhas, Sonhos a Continuar*. Ressalte-se que a presença no título dos dois livros (o de Silvia Bragança e o por mim organizado) da referência ao sonho – sonhos e sonhar – assinala mais do que uma feliz coincidência. Em verdade, talvez seja impossível pensar em Aquino de Bragança sem associá-lo ao ato de sonhar e de lutar pela realização dos sonhos.

PREFÁCIO

Colin Darch¹

A nossa preocupação de fundo não é o socialismo, o marxismo – que são instrumentos para resolver os problemas dos homens: como alimentá-los, como vesti-los, como calçá-los. Esse é que é o problema. Se for preciso fazer uma aliança com o diabo para atingir isso, nós faremos. (Aquino de Bragança falando ao Semanário, Lisboa, 22 de junho de 1985, p.33-34).

Na manhã de segunda-feira, 20 de outubro de 1986, fui trabalhar cedo, como de costume, no Centro de Estudos Africanos, no *campus* universitário em Maputo, onde era na altura investigador e documentalista. Naquela hora, ainda não estava ali quase ninguém. Estava já sentado no escritório, me preparando para o dia, quando Rob Davies, investigador sul-africano e colega no Centro, bateu na porta. “Já ouviste?” questionou em inglês. “O avião de Samora desapareceu. Não voltou da Zâmbia na noite passada.”

Foi desta maneira que ouvi pela primeira vez do desastre de avião em Mbuzini, na África do Sul, no qual o Presidente Samora Machel e mais 33 pessoas morreram, em circunstâncias que permanecem controversas até hoje. Uma das vítimas ao lado do presidente foi Tomás Aquino Messias de Bragança, meu chefe e colega durante oito anos, diretor do Centro, professor, jornalista,

¹ Investigador Associado na *Democratic Governance and Rights Unit* da Faculdade de Direito da *University of Cape Town* África do Sul.

intelectual público, militante político, diplomata discreto, homem, marido e pai.

XXX

Esta coletânea de escritos de Aquino de Bragança reúne pela primeira vez, num único volume, um corpo coerente e importante dos textos produzidos na última fase da vida do autor, enquanto foi diretor do Centro de Estudos Africanos. Assim tomar  um lugar na prateleira ao lado da obra biográfica sobre o marido por sua viúva, S lvia de Bragança, intitulada *Aquino de Bragança: Batalhas Ganhas, Sonhos a Continuar* (2009).

Nessa fase da vida, Aquino trabalhava em estreita colabora o com a ativista e socióloga sul-africana Ruth First, at... 1982, quando ela foi assassinada por meio de uma carta bomba enviada ao Centro pelos agentes de Estado do apartheid. Ruth era Diretora Científica do Centro, e, efetivamente, a adjunta de Aquino. Não há d vida nenhuma que, apesar dos dois terem personalidades bem diferentes, e nem sempre virem questões específicas com a mesma  tica, exerceram uma forte influência mútua um sobre o outro. Compartilharam um compromisso intransigente a favor de uma prática de ensino e pesquisa crítica e engajada, uma epistemologia que repousava na ideia de que o objetivo da investiga o devia ser mudar o mundo, não apenas compreendê-lo. Quando começaram no Centro, ambos já tinham anos de experiência dura como ativistas e jornalistas radicais, e entenderam profundamente a importância de aproveitar o momento, quer dizer de publicar os textos precisamente quando esses poderiam ter um impacto concreto e real, ao invés de simplesmente avançar uma ou outra interpreta o acadêmica. Os dois tinham, em outras palavras, um forte sentido de urgência política, o que conseguiram transmitir ao pessoal do Centro em diferentes formas.

No Centro, no entanto, Aquino inicialmente e pela primeira vez encontrou-se incorporado num ambiente acad mico, cuja operacionalidade dependeu e avançou em fun o de um conjunto de regras explícitas e implícitas, com

as quais nem ele nem Ruth estavam acostumados ou dispostos a respeitar. Logo de início, de fato, o Centro M que foi estabelecido após a independência nacional como uma unidade dentro do Instituto de Investigações Científicas de Moçambique, instituição colonial com enfoque colonial – foi organizado numa forma altamente convencional, dividido em mini-departamentos, cada um especializado na sua disciplina, como história pr...-colonial, antropologia, ou estudos ambientais. Até... mesmo os próprios pesquisadores tiveram compromissos para lecionar nas faculdades e nos departamentos dos outros lugares da universidade. Aquino tinha pouco interesse nas fronteiras ou nos terrenos disciplinares. Seguiram-se, portanto, dois momentos importantes na história do Centro, momentos que serviram para mostrar como o tipo de pesquisa que Aquino queria realizar, poderia de facto ser organizado.

O primeiro destes momentos aconteceu no ano 1976, pouco antes da bem conhecida Conferência de Genebra sobre a situação rodesiana, quando o Centro foi convidado, com muito pouco aviso prévio, a produzir um relatório sobre a economia política e a questão da terra naquele país, uma espécie de atualização das investigações realizadas anteriormente pelo estudioso italiano Giovanni Arrighi. A conferência era uma tentativa por parte da comunidade internacional de resolver o conflito armado entre o regime minoritário de Ian Smith em Salisbúria e os movimentos nacionalistas de libertação, assim pondo fim a uma guerra já na altura no seu décimo ano. Claro que era uma tarefa a ser tomada a sério, com implicações potencialmente graves para um futuro Zimbabwe. No fim, o trabalho foi realizado e ... aqui que se encontra o ponto significativo sob a liderança de Aquino e por um coletivo de jovens professores e estudantes, moçambicanos e estrangeiros, trabalhando junto sob pressão do tempo e sem acesso fácil nem às fontes necessárias nem ao campo em si, para cumprir a tarefa dentro do prazo curtíssimo. O relatório que produziram, escrito na língua inglesa para benefício dos zimbabwianos, constituiu uma excelente análise, mesmo que a Conferência de Genebra não tenha alcançado os seus objetivos e a guerra continuasse mais três anos. Foi

traduzido em português e editado uns anos depois em Maputo; continua a ser at... agora uma das mais recentes análises sobre Zimbabwe da ...poca, disponível em língua portuguesa.

O segundo momento decisivo aconteceu, não por mero acaso, no ano seguinte, em 1977, quando Ruth First, ainda lecionando como professora universitária na Inglaterra, foi convidada a Moçambique para dirigir um projeto de pesquisa sobre o impacto do sistema de exportação da mão-de-obra das minas sul-africanas, na economia política da província de Inhambane, localizada na zona sul do rio Save. Mais uma vez, um projeto de investigação politicamente comprometido organizou-se em torno de um coletivo, desta vez aumentado pela necessidade de extenso trabalho de campo nas zonas rurais. Isso viria a ser o fundamental mas nem por isso o único método de pesquisa utilizado nos projetos subsequentes no Curso de Desenvolvimento do Centro. É necessário, portanto, salientar que o próprio Aquino não estava envolvido nesse projeto, estando nesses anos num período muito difícil da sua vida particular².

Esses métodos de trabalho em coletivo, leitura crítica das fontes impressas, entrevistas, trabalho de campo, rapidez da publicação e divulgação foram vistos na altura como aptos para circunstâncias especiais. Mas Aquino e Ruth queriam implantar os mesmos em todo o ensino e toda a investigação do Centro. Para atingir esse objetivo, tornou-se necessário romper com os moldes académicos e reestruturar o Centro de uma maneira ainda mais fundamental. No período de 1978-1979, por conseguinte, o Centro de Estudos Africanos, numa maneira não-linear e informal, efetivamente dispensou a sua própria divisão em departamentinhos, alguns deles sendo assim estabelecidos separadamente, tais como as secções de estudos de antropologia e do ambiente (TBARN). Esta reconceitualização estrutural e metodológica era tanto o resultado das experiências já mencionadas, como um pré-requisito para o tipo

² Mariana de Bragança, primeira esposa de Aquino, morreu de uma doença em 29 de maio de 1979.

de pesquisa que foi posteriormente realizado. Os membros do corpo docente do Centro tornaram-se professores-pesquisadores em tempo integral, elementos de um único coletivo, quer para fins de ensino assim como de investigação. Foi na base desta plataforma que Aquino teve a possibilidade de produzir o corpo de textos incluídos neste livro e sobretudo após a fundação da chamada "Oficina de História, um projeto do Centro nos princípios da década oitenta para desenvolver uma prática "artesanal" de investigação histórica sobre o colonialismo tardio e a luta de libertação nacional. ³

Um outro fator que deve ser tomado em consideração na leitura dos textos aqui reeditados ... que Aquino era muito mais do que um mero diretor de um centro de pesquisa acadêmica. Segundo Graça Machel, falando na ocasião de uma mesa-redonda organizada em 2006, em memória de Aquino, o apelido dele nas camadas partidárias era "submarino", devido a sua capacidade de realizar missões diplomáticas delicadas com pouco alarde e atraindo pouca atenção pública. Nunca foi indicado oficialmente para qualquer posição diplomática, nem como embaixador, apesar da especulação contínua na imprensa, especialmente nos diários e semanários de Lisboa. Mas, apesar disso ou talvez por causa disso, influenciou a política profundamente, com um encontro informal aqui, uma entrevista bem colocada ali, a entrega discreta de uma mensagem, um telefonema circunspeto. Foi enviado pelo Presidente Samora Machel por diversas vezes a Lisboa, a Londres, a Paris, Washington, Luanda e Harare. Em março de 1985, por exemplo, viajou a Lisboa para discutir um possível apoio dos portugueses na formação de unidades de comando para a luta contra RENAMO; numa outra ocasião foi o interlocutor escolhido pelo empresário português-galego Manuel Bulhosa por seus contatos com o governo moçambicano. Acredita-se que estava já programada uma viagem à África do Sul para a semana após o desastre de Mbuzini, com o objetivo de conversar pessoal e confidencialmente com o general sul-africano

³ Era a primeira instância lusófona do uso dessa palavra num sentido acadêmico, o que já era comum nas universidades anglófonas, p.e. as History Workshops na Inglaterra e na África do Sul. Tivemos que enfrentar resistência pelos participantes linguisticamente mais conservadores. Mas Aquino insistiu e o neologismo era assim oficializado.

Magnus Malan, na altura Ministro da Defesa do regime do apartheid M uma possibilidade histórica assim perdida para sempre.

O texto 'Independência sem descolonização': a transferência de poder em Moçambique, 1974-1975⁴, incluído neste volume, é um relato fascinante do seu envolvimento, em nome da FRELIMO, na primeira tentativa de avaliação do verdadeiro caráter do golpe de estado português de 25 de abril de 1974.

Da perspectiva do movimento de libertação, o problema era quem realmente dispunha de poder em Portugal: os generais ou os capitães do Movimento das Forças Armadas que providenciaram o próprio golpe? A resposta a esse problema determinaria com quem a FRELIMO iria negociar. Aquino viajou a Lisboa e aconselhou M corretamente M à FRELIMO que seria melhor apostar nos capitães. Em seguida, negociações semi-clandestinas, especialmente com Melo Antunes, levaram à conclusão bem sucedida dos Acordos de Lusaca, reconhecendo o direito dos moçambicanos a uma independência incondicional, sob a liderança da FRELIMO.

Esta coletânea apresenta um *corpus* de textos que difere em vários aspectos dos escritos anteriores de Aquino. Desde os *Jornais* dos anos 1960, produziu uma longa série de análises politicamente astutas sobre as lutas políticas em todo o hemisfério sul M no Brasil, na África Ocidental, em Angola M bem como sobre os acontecimentos nos centros metropolitanos tais como Portugal, Alemanha Federal e os Estados Unidos. Estas foram publicadas principalmente em revistas de expressão francesa, tais como *Afrique-Asie*, *L'Economiste du Tiers Monde* e a revista argelina *Révolution Africaine*. Foram escritas enquanto Aquino era residente na Argélia, a trabalhar no secretariado da CONCP (a Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas), entidade coordenadora da FRELIMO, do MPLA e do PAIGC. Essas reportagens cobriram uma ampla gama de tópicos. Para citar um exemplo, Aquino analisou o impacto da descoberta de reservas de petróleo no Zaire

⁴ O texto foi escrito originalmente em inglês por Aquino, com ajuda de uma equipe constituída por mim próprio e a Dra. Judith Head.

de Mobutu, no início da década de 1970, numa possível normalização das relações zairenses com Portugal, e da sobre a luta de libertação em Angola. Numa outra peça, publicada em dezembro de 1973, analisou o crescente isolamento internacional de Lisboa e Pretória após a cúpula dos países árabes em Argel no mês anterior. Assim, os interesses de Aquino não foram de forma nenhuma limitados às lutas dos povos nas colônias portuguesas. Acompanhou também a vida política no Magrebe, no Vietnã e na Índia. Estava impaciente com ideias falsas: Ya esquerda!, disse em 1984, Yagarra-se muitas vezes aos esquemas preconcebidos, aos clichês.

O universo intelectual português-castelhano pode ser distinguido do anglo-americano em seu reconhecimento ostensivo e explícito do significado cultural e político da conversa. Para citar um exemplo mais ou menos aleatório, a reputação em vida do poeta e crítico argentino, Macedônio Fernández (1874-1952), dependia de sua capacidade de iluminar um tema por meio de algumas observações faladas, tanto quanto em seus poucos escritos publicados. Jorge Luís Borges, que considerava Macedônio como seu mentor, descreveu-o como:

... um conversador notável... encontraríamos com Macedônio, e houve pessoas que foram [para o café] apenas para ouvi-lo falar... Macedônio deixou alguns escritos... e deixou alguns poemas. Entretanto, acho que Macedônio, apesar de seus livros admiráveis, que realmente valem a pena ler, não se deu completamente através dos seus escritos. Penso que o verdadeiro Macedônio era para ser encontrado na sua conversa.

Aquino compartilhou esse sentido do valor da fala, mas como jornalista e militante político, a conversa era para ele mais do que simplesmente a iluminação esperta de um problema com algumas observações bem escolhidas e brilhantes. Era sobretudo um instrumento dialético para a colheita de informações, para ouvir e avaliar novas ideias e novos conceitos, que podem

em seguida ser sintetizados e usados em novas formulações. Nessa prática, no meu entender, Aquino era muito moderno e at... um pioneiro. E não era somente um processo dialético: era também uma característica da sua personalidade, que se tornou um entrevistador – e de fato entrevistado – excelente, bem como num professor inspirador. As palestras pontuais muitas vezes anunciadas como “Uma Noite de Conversação!” que ofereceu de vez em quando na Casa Velha em Maputo, ou nos anfiteatros da Universidade Eduardo Mondlane, sobre diversos temas como “raça e classe”, “o pensamento de Eduardo Mondlane”, “o poder popular nas zonas libertadas”, “Samora Machel”, ou “Guin...” e “Amílcar Cabral” eram sempre muito bem recebidas. Infelizmente, as gravações destes eventos, se bem que ainda existam, ou sejam preservadas em mãos privadas, não se encontram atualmente disponíveis no domínio público.

Que relevância têm esses textos para nós, na segunda década do século vinte-e-um? Penso eu, que, nos dias de hoje, nas nossas circunstâncias mudadas, e com as agendas revolucionárias e transformativas quase abandonadas ou derrotadas em toda a parte, as análises de Aquino continuam a ensinar alguma coisa. Pode ser através dos seus métodos de investigação rigorosos, que poderiam ser aplicados nas lutas contemporâneas para a justiça social. Pode ser através da sua epistemologia de engajamento crítico. Ou pode ser ainda através do seu exemplo de vida, pois que Aquino era um homem que tinha a vontade de viver para os seus ideais e se fosse necessário – como de facto aconteceu – morrer por eles. Análise, mais que trinta anos depois, e, sobretudo, no continente africano, perante o poder dum capital globalizado, nós continuamos enfrentando os mesmos problemas de pobreza e desigualdade: como alimentar as pessoas? Como vesti-las? Como calá-las?

Maputo, aos 6 de junho de 2014.

comum simples: o combate contra o inimigo comum, o Portugal de Salazar. E aconselhou-os a esperarem o momento oportuno a fim de passarem à ação direta. Fortalecido com o apoio de Nyerere, encorajado pelo ganense Nkrumah e secundado pela CONCP, organismo coordenador das forças nacionalistas das colônias portuguesas – que o moçambicano Marcelino dos Santos então dirige, Mondlane irá convencer os dirigentes da MANU, da UDENAMO e da UNAMU a esquecerem as suas querelas. Nasce assim em Dar-es-Salaam, em junho de 1962, com Mondlane à cabeça, a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), primeiro movimento nacionalista moderno deste país.

AS MASSAS DESERDADAS

O combate entre o colonialismo português e os seus aliados ocidentais conheceu altos e baixos. A sua linha política de lutar-se na prática e aprofundar-se-á por saltos qualitativos sucessivos até eliminar **“os novos exploradores”** nascidos no seu seio, a fim de assumir inteiramente, em 1969, os interesses das massas deserdadas do país. É então que a luta armada se transformará em Revolução como **“um rio que, à medida que avança, engrossa incorporando novas forças e atira progressivamente para as margens as impurezas que transporta”** (Samora Machel).

Não se trata de traçar aqui o histórico deste combate contra a **“noite colonial”** mas de nos interrogarmos sobre o seu desenvolvimento irregular, sobre as crises periódicas que culminam na radicalização e na tomada de consciência da luta de classes e permitem a emergência de um pensamento marxista em Moçambique.

Dois linhas estratégicas coabitam no seio da FRELIMO e dividem a organização desde a sua criação: os **“nacionalistas do exterior”**, durante muito tempo separados do país, defendem a **“retomada do diálogo com a metrópole colonial”** e apelam para que a ONU **“faça pressão sobre o governo de Lisboa”** a fim de o levar a conceder a independência a Moçambique. Por outro

lado, o grosso dos **“militantes do interior”**, que se juntam à FRELIMO depois da sua criação, conhecem a situação real do país e alinham, pelo contrário, com as teses de Mondlane.

Para o presidente da FRELIMO, a repressão das greves múltiplas e o massacre dos camponeses de Mueda, a 16 de Junho de 1960, esgotaram qualquer oportunidade de resolução de reivindicações reformistas. Salazar, segundo as suas próprias palavras, **“não pode”**, pior **“não quer”**, descolonizar o seu império.

Só a **“guerra necessária”**, uma **“guerra popular”**, dizem então os dirigentes da FRELIMO, poder-se-á **“arrancar”** a independência. A grande maioria dos pais fundadores da FRELIMO desertou do combate na véspera do desencadear da luta armada, em setembro de 1964. O seu horizonte cultural não os tinha predisposto psicologicamente para esta nova fase, cuidadosamente preparada.

Cerca de duzentos e cinquenta combatentes são escolhidos pessoalmente por Mondlane, que tem em conta ao mesmo tempo a diversidade étnica e o prestígio nos meios tradicionais. O seu treino militar tem lugar na Argélia, que acaba de arrancar a sua independência na sequência de uma longa guerra de guerrilha. De regresso à Tanzânia, estes combatentes treinam por sua vez outros homens.

Mas o combate será **“longo e difícil”**. © pois preciso, além disto, **“educar, organizar, mobilizar, armar todo o povo”**, **“fazê-lo participar no combate”**, fazê-lo tomar consciência dos **“objetivos imediatos e longínquos da Revolução”**. Eis o que ... sublinhado por um órgão da Frente na véspera do desencadear do combate armado, em maio de 1964.

Durante muito tempo, com efeito, o **“militantismo”** e o **“patriotismo”** dos moçambicanos eram considerados em função do **“grau de pigmentação”** da sua pele, os militantes e os patriotas verdadeiros eram os negros. Os